

## **A CONDIÇÃO FEMININA NA PÓS-MODERNIDADE: UMA LEITURA DE "I LOVE MY HUSBAND", DE NÉLIDA PIÑON**

Carolina Cristina Rodrigues (PG – FAFIJA)  
Krolinda\_cristina@hotmail.com  
Marília de Melo Pereira (PG – FAFIJA)  
marilia.dmp@bol.com.br  
Vanderléia da Silva Oliveira  
(Orientadora – FAFIJA)

Durante um longo período convencionou-se que as artes, de modo geral, deveriam ser miméticas, representando perfeitamente a cópia da realidade. Os contornos impecáveis e a harmoniosa combinação de cores faziam das artes plásticas a legítima materialização do plano real.

Segundo Rosenfeld (1976), o que aconteceu na pintura, por exemplo, também foi observado na composição literária, algo que o Realismo concretizou muito bem. O campo da escrita literária não possuía nenhum tipo de abrangência, a extrema objetividade dos escritores oferecia aos leitores uma literatura pronta, fechada, sem aberturas para novos olhares. Mas, apesar da existência do hermetismo literário, o mundo passou por mudanças e novos anseios artísticos começam a vigorar. Basta observar as vanguardas européias do início do século XX, que demonstraram a necessidade de mudanças, não sendo mais possível aceitar apenas o que víamos como uma realidade pronta e acabada. O mundo palpável, caracterizado pela verossimilhança em todas as coisas, deu lugar a uma nova maneira de contemplar a realidade. O devaneio e a imaginação criadora passaram a integrar o contexto artístico.

No Brasil, por exemplo, a partir da Semana de Arte Moderna, conhecemos uma escrita demolidora, ansiosa por transformações que, literalmente, não sabia o que queria, mas tinha certeza do que não queria. A negação da objetividade, do extremo descritivismo, da erudição, da perfeição formal, foi o primeiro passo para um novo período. Das primeiras horas do Modernismo até o findar do

século XX, é possível observar que as diversas tendências artísticas, baseadas na experimentação, resultaram num fenômeno híbrido de estilos e temas. Segundo Pellegrini (2001), ao citar Habermas e Hutcheon, é possível afirmar que o Pós-Modernismo assimilou diversas características do Modernismo, mas criou novas perspectivas, incorporando múltiplas combinações. Neste cenário, considerando-se o que se convencionou chamar de literatura contemporânea, especificamente a produção em prosa, abrangendo-se as décadas de 60 aos anos atuais, é possível perceber que, no Brasil, durante o período militar foram produzidos textos em forma de confissões e testemunhos com a finalidade de documentar as opressões sofridas nos porões da ditadura. Encerrado o período obscuro da política brasileira, a ficção ideológica cedeu espaço às minorias oprimidas.

É nesse momento que a produção literária revela toda a complexidade existente em uma sociedade tão desigual. A literatura de autoria feminina ou feminista, acompanhada da homossexual e da negra, expõe suas subjetividades, transportando para o papel suas aspirações e pontos de vista. A busca por um espaço em um novo cotidiano que se forma após uma era repressora consolidou a literatura escrita por mulheres, que proclamaram sua causa com inteligência e perspicácia. Esta ficção suplanta a escrita meramente documental, conforme observa Pellegrini, por "... não se trata mais de 'resistir à ditadura militar', mas de resistir a uma hierarquia ancestral em que predomina o discurso [...] masculino" (2001, p. 5). Observamos que a voz feminina levanta "bandeiras" na literatura, pois já não aceita estar à margem de todas as coisas, concordando com tudo o que é imposto pela masculinidade dominante. A perspectiva oprimida da mulher revela um importante compromisso literário, o da mudança, que é conquistada mediante a vontade de adquirir um lugar na organização social, embora, saibamos que, apesar da imensa qualidade artística, esse tipo de literatura parece ainda não ter atingido o devido reconhecimento.

Sob este ponto de vista, Nélida Piñon pode ser vista como exemplo da autoria feminina praticada na década de 80 do século passado e, neste breve estudo, algumas das características temáticas e composicionais de um de seus textos, serão analisadas, a fim, inclusive, de demonstrar a aplicabilidade em sala de aula, com a proposta de estimular a leitura literária, permitindo que os alunos tenham acesso a textos atuais, em parceria com música que estabeleça diálogo com as idéias apresentadas. O conto selecionado, **I Love my husband**, por meio das reflexões da personagem feminina, narra as relações afetivas estabelecidas entre mulher e marido. O texto inicia-se com a afirmação "Eu amo meu marido. De manhã à noite." (PIÑON, 2000, p. 451), reveladora da convicção quanto aos sentimentos da esposa, que exerce sua profissão de "mulher" incessantemente e de maneira incondicional. Porém, o papel masculino parece destoar da função feminina, sempre "praticada" com extremo zelo e carinho. O marido não reconhece a atenção que sua esposa lhe dedica, praticamente nem a enxerga, principalmente quando a "traga" duas vezes por semana, indicando que o ato sexual é impulsivo e mecânico, totalmente despercebido. A possessão masculina configura-se muito bem quando ele demonstra que a mulher deve ser só dele, nem de si própria, revelando conceitos retrógrados e alienados.

O machismo faz com que o cônjuge destaque-se perante a figura feminina, acreditando que as tarefas domésticas não têm nenhuma importância, o que vale é o trabalho exercido por ele. O marido transporta para sua companheira todas as suas dificuldades, pois acredita que cuidar das pequenas coisas do cotidiano é algo muito simples, e o que ela deveria fazer era assumir as rédeas dos grandes problemas. No entanto, apesar de o marido acreditar que a mulher só cuida da pequena parte da sua vida, está enganado. Ele jamais progrediria se sua esposa não estivesse ao seu lado:

Falou-me das despesas mensais. Do balanço da firma ligeiramente descompensado, havia que cuidar dos gastos. Se contasse com a minha colaboração, dispensaria o sócio em menos de um ano. Senti-me feliz por participar de um ato que nos faria progredir em doze meses. Sem o meu empenho, jamais teria sonhado tão alto. Encarregava-se eu à distância da sua capacidade de sonhar. Cada sonho do meu marido era mantido por mim. (PIÑON, 2000, p. 453-4)

A mulher sente-se tão oprimida por sua condição e pelo casamento que chega ao ponto de questionar sua condição existencial “acaso sou mulher unicamente pelas garras longas e por revesti-las de ouro, prata, o ímpeto do sangue de um animal abatido no bosque?” (PIÑON, 2000, p. 452). A indagação demonstra que o que lhe restou como distinção no universo feminino foi apenas sua vaidade. Mesmo sentindo-se angustiada com a situação do casamento, tudo caminha em aparente perfeita harmonia entre o casal até o momento em que a esposa fala sobre o futuro, o que, para o marido, significou que ela estava descontente com o presente, já que para ele a tranqüilidade do agora era suficiente para a felicidade. Apesar de se sentir culpada por desestabilizar emocionalmente o provedor do lar, é a partir desse momento que as críticas, feitas até agora de maneira velada, à instituição social, o casamento, se concretizam de forma mais ferina. Indiretamente, ela passa a atacar os motivos que a condicionaram à situação de submissão.

Quando a narradora retoma a condição matrimonial já imposta por sua família, fica nítida a percepção de que a submissão feminina é passada de geração para geração, o que foi vivenciado por sua mãe, provavelmente será vivenciado por sua descendência. A situação é cíclica e parece nunca alcançar um fim. Homem é sempre homem, já nasce homem, enquanto o sexo feminino depende do masculino até para atingir a condição de mulher, o que só acontece após o relacionamento sexual e, conseqüentemente, o casamento. Toda a truculência e ironia da narradora quanto ao matrimônio é expressa em “As mãos do marido me modelariam até os últimos dias e como agradecer-lhe tal generosidade”. O

estigma da eterna juventude perde todo seu valor, já que para isso o preço a ser pago será altíssimo. A aparente total fidelidade não é suficiente para controlar os ímpetos de liberdade, os desejos opostos a vida que leva, pois são muito fortes e, se não podem ser vivenciados na realidade, é através do plano onírico que ela se liberta de suas amarras:

Nem os votos conjugais impedem que em escassos minutos eu naufrague no sonho. [...] Nunca mencionei ao marido estes galopes perigosos e breves. Ele não suportaria o peso dessa confissão. Ou que lhe dissesse que nessas tardes penso em trabalhar fora, pagar as miudezas com meu próprio dinheiro. Claro que estes desatinos me colhem justamente pelo tempo que me sobra. (PIÑON, 2000, p. 455-6)

Sente-se culpada por seus galopes perigosos e breves e, implicitamente, demonstra que é o ócio que permite pensamentos tão libertinos. Se ela tivesse todo o tempo com o que se ocupar não teria oportunidade de entregar-se aos devaneios e tudo isso acontece em decorrência das atitudes do marido, afinal, há a vontade de trabalhar fora para ter a própria independência financeira, mas a regra principal deve ser seguida, jamais contrariar o marido. Agradar ao marido é dever da mulher, seguir a rotina da convivência diária é a consequência de uma escolha feita em um momento em que ainda se acreditava em ilusões. Amor significa lealdade e não paixão, o que se comprova perfeitamente quando ela obedece ao princípio do "só envelhece quem vive [...]" e porque viverás a vida do teu marido, serás jovem para sempre" (PIÑON, 2000, p. 454).

Vivendo à sombra do homem ela não atinge sua própria realização pessoal, mas, em compensação, "consegue" não envelhecer e nem perceber as mudanças que o tempo provoca em seu corpo, já que ele se esforça em amá-la. A última frase do conto "Ah, sim, eu amo meu marido" desmantela a afirmação convicta que inicia o texto (PIÑON, 2000, 456). A mulher, após enumerar as alegrias e dissabores do matrimônio, expressa seu amor de maneira duvidosa, distraída ou, quem sabe, como maneira de negar o sentimento que deveria nutrir pelo marido. A situação

do casamento não é favorável para a preservação do amor, porém é necessário manter o compromisso e afirmar a beleza de um sentimento apagado pelo impasse entre os sexos. O que sobra da relação marido e mulher é apenas a conservação de um contrato, para eles irrevogável, caracterizado pela união matrimonial. Seguir em uma relação paradoxal, trilhada por anseios tão opostos, é a sentença final do casamento.

Piñon, revelando sua postura de escritora pós-moderna, consegue ironizar as atitudes comumente assumidas pela mulher ao criar uma paródia comportamental feminina, construindo uma personagem que tem plena consciência de sua submissão em relação ao marido, mas prefere aceitá-la para não romper o contrato nupcial. A narração em 1ª pessoa, marcada pelo fluxo de consciência, torna o texto um autêntico monólogo interior. O processo psicológico que envolve a narrativa é bastante complexo, conforme registra Humphrey:

[...] o campo da vida com o qual se ocupa a literatura do fluxo de consciência é a experiência mental e espiritual – tanto seu *quê* quanto seu *como*. O *quê* inclui as categorias de experiências mentais: sensações, lembranças, imaginações, concepções e instituições; O *como* inclui as simbolizações, os sentimentos e os processos de associação. Muitas vezes é impossível distinguir o *quê* do *como*. (1976, p. 7)

Espaço e tempo são psicológicos, demonstrando a relativização da consciência da personagem, como bem afirma Rosenfeld:

Sabemos que o homem não vive apenas “no” tempo, mas que é tempo, tempo não-cronológico. A nossa consciência não passa por uma sucessão de momentos neutros, como o ponteiro de um relógio, mas cada momento contém todos os momentos anteriores. [...] Em cada instante, a nossa consciência é uma totalidade que engloba, como atualidade presente, o passado e, além disso, o futuro, como um horizonte de possibilidades e expectativas. (1976, p. 82, grifos nossos)

As personagens não têm nome, são simplesmente “a mulher e o marido”, seres coletivos, sem rosto, nem identidade, podendo ser confundidos no meio da multidão. É a morte do sujeito que aflora na

contemporaneidade, os “retratos” individuais são gradativamente apagados. Atendo-se ainda à caracterização das personagens, observa-se que ambas são planas, pois não modificação em suas personalidades, embora a personagem feminina, em um determinado momento do enredo, ameace uma mudança radical, esta termina a narrativa na mesma pasmaceira de sempre. A figura feminina e a masculina representam, respectivamente, a típica esposa subserviente e submissa, e o marido machista, detentor de todas as decisões. A mulher é protagonista da história, enquanto o marido é o antagonista, as idéias e atitudes deste opõem-se às daquela.

A composição e a abordagem do tema são primorosas. É praticamente impossível permanecer indiferente à leitura tão instigante, provocativa e problematizadora. De maneira implícita, Piñon parece “cutucar” seu leitor, levando-o a construir seus próprios pensamentos mediante tudo o que está sendo lido. Afinal, a literatura hermética, tão praticada em tempos anteriores, carregada de extrema objetividade, que prega a aceitação de verdades absolutas, deixando ao leitor a função de mero expectador, desprestigia a função da literatura. Já era esse o entendimento de Santiago:

A verdadeira leitura é uma luta entre subjetividades que afirmam e não abrem mão do que afirmam, sem as cores da intransigência. Ficção só existe quando há conflito (grifos nossos), quando forças digladiam-se no interior do livro e no processo de sua circulação pela sociedade. Encontrar [...] o que já se espera encontrar, o que já se sabe, é o triste caminho de uma arte facista, onde até mesmo os meandros e os labirintos da imaginação são programados para que não haja dissidência de pensamento. (apud MIRANDA, 1999, p. 437-438)

A diegese pode ser dividida em dois momentos. Em uma primeira situação observamos a submissão e a passividade da mulher, que tem plena consciência de seu servilismo, mas mantém-se impassível a tudo, conformada com a situação do casamento. O segundo momento é caracterizado pela explosão dos sentimentos reprimidos, a descoberta dos próprios anseios, praticamente a epifania tão bem utilizada por Lispector,

já que as atitudes são passageiras e a personagem, após conhecer o universo da descoberta, volta à sua personalidade medíocre.

Como sugestão de trabalho em sala de aula, propõe-se a leitura para 2ª série do ensino médio, considerando o fato de que os alunos estariam, possivelmente, mais aptos a trabalhar com os textos do que a série inicial do ensino médio. Após a leitura do conto, deve ser apresentado o texto **Sexta-feira à noite**, de Marina Colasanti, também escritora pós-moderna. Em seguida, deve ser feita audição e leitura da música **Cotidiano**, de Chico Buarque. Realizadas as leituras, os alunos devem ser instigados a estabelecer os diálogos entre os textos propondo-se a seguinte questão: *Qual é a condição feminina na modernidade?* Espera-se que a leitura dos textos literários os ajude a formar pensamentos críticos sobre o assunto, percebendo todo o trabalho realizado por meio da literatura. É possível, também, aproveitar os mesmos textos para debater a questão dos relacionamentos amorosos, acrescentando-se a leitura do conto **Aqueles dois**, de Caio Fernando Abreu, o que permitirá um enfoque diferente do apresentado, visto que este conto tematiza as relações amorosas a partir do universo da homossexualidade.

Por fim, é válido registrar que a ficção literária produzida por mulheres a partir da década de 80, que tem a pretensão de “desmontar noções conservadoras de sexo ou gênero, reconstruindo, revalorizando e revitalizando aspectos sempre escamoteados pelas estruturas sociais dominantes e conservadoras” (PELLEGRINI, 2001, p. 5) é parte importante, respeitável e admirável da literatura brasileira. A análise do conto poderá ajudar e também instigar os leitores a conhecerem e compreenderem melhor a literatura pós-moderna, em especial a de autoria feminina.

Também deve ser destacado que, apesar de abordar aspectos e temáticas importantes, a literatura pós-moderna produzida por mulheres continua afastada das salas de aula. Talvez porque os interessados no estudo da ficção contemporânea sejam apenas os

estudiosos da literatura que, geralmente, passam a ter acesso a esses textos somente no ensino superior, tendo em vista que os currículos dos cursos de Letras, sobretudo os de um contexto universitário interiorano, continuam abordando apenas a literatura de épocas passadas, que consagra os “imortais”, deixando à margem a boa literatura produzida em nossa época.

#### REFERÊNCIAS

- HUMPHREY, Robert. **O fluxo de consciência**. São Paulo: McGraw-Hill, 1976.
- MIRANDA, Wander Melo. Moderno, pós-moderno e a nova expressão narrativa brasileira. In: CASTRO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. Lisboa: Alfa, 1999. p. 421-442. v.3.
- PELLEGRINI, Tânia. ‘Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência?’ **Novos Rumos**, ano 16, n.35, 2001.
- PIÑON, Néida. I love my husband. In: MORICONI, Ítalo. **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. pp. 451-456.
- ROSENFELD, Anatol. Reflexões sobre o romance moderno. In: \_\_\_\_\_. **Texto/Contexto**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. pp. 75-97.